

Alimentando Ilusões

O Presidente da República reafirmou a opção do Governo pelo compromisso **social**, na cerimônia de assinatura da mensagem que acompanha o conjunto de medidas econômicas enviadas ao Congresso. A rigor, foi menos opção do que pressão exercida dentro do Governo por uma parcela das forças políticas que o compõem. Opção pressupõe liberdade de escolha.

Uma sombria recessão e uma soturna inflação couberam em herança ao Presidente Sarney. O PMDB, escalonado pelos seus interesses eleitorais imediatistas, pressionou o Governo no sentido da inversão de prioridades. Em vez de ofensiva fulminante contra a inflação, realimentada pelas despesas públicas, a pressão do PMDB pôs ênfase política na recessão, em nome do combate ao desemprego.

Ou seja: o ataque às consequências e não à causa. O PMDB tem pressa em obter votos. O tratamento rápido da inflação pede sacrifícios a toda a sociedade e não remunera politicamente a curto prazo. As medidas de **justiça tributária** submetidas ao Congresso serão obviamente aprovadas pela urgência de encerrar o ano legislativo para que a representação política repouse em suas bases eleitorais, para se refazer da baixa produtividade parlamentar.

A **justiça tributária** proveitosa para a eleição em 86 não remove as dúvidas de que sejam economicamente eficazes. Sabe-se que não são. Que há de mais anti-social do que uma inflação acima de 200 por cento? Mais uma vez o que se vê é o Governo, impotente para cortar suas despesas, recorrer ao bolso de pessoas físicas e de pessoas jurídicas para pagar a conta do desperdício público. Que conceito de **justiça tributária** pode se sustentar sobre um distributivismo tão apressado? Maior consumo e produção estável resultam fatalmente em pronta escassez de bens — e, portanto, em alta de preços a mais curto prazo.

Partir para o distributivismo antes de terminar uma recessão que deixou enorme ociosidade econômica é entregar-se à estratégia de devorar magras reservas depauperadas pela crise. O velho paternalista social reaparece com o patrocínio político, sem qualquer garantia econômica. Há uma inflação que não foi tratada com medidas apropriadas e que não pode ser ignorada pela manipulação de índices.

O Governo acaba de optar — em nome do social — por um conjunto de medidas que descartam a persistência da inflação acima de 200 por cento ao ano. Mas a inflação não depende do reconhecimento oficial: ela existe por conta própria e se alimenta das despesas públicas incontroláveis. Não basta podá-la nos índices oficiais, quando seus efeitos devastadores nos custos e nos preços se aceleram insuportavelmente para a sociedade.

Nenhum distributivismo consegue, em tais circunstâncias, mais do que iludir as vítimas da inflação, por mais que sejam consideradas beneficiárias. O equívoco distributivista é o mesmo que desfralda o nacionalismo para premiar o menos eficiente e o custo mais alto de produção: que **sentido social** é obtido pela reserva de mercado e repassado ao consumidor? O que é eleitoralmente bom para o PMDB, e em particular para a sua inconfessável esquerda, não chega ao consumidor. Aonde levará o incoerente conjunto de equívocos anunciados como opção **social**?

O que diz respeito à sociedade é que constitui compromisso social do Governo. O compromisso do Estado com a sociedade (toda a sociedade) é que viabiliza a democracia — em termos de liberdades econômicas e políticas. O paternalismo social leva ao oposto da liberdade. Pela via autoritária, conduz ao impasse político no momento em que a economia, sob controle do Estado, se afunda em custos cada vez maiores e resultados cada vez mais insuficientes.

Não adianta cobrir indefinidamente despesas com aumento de impostos, em vez de cortá-las com determinação. A burocracia continuará a ser perdulária, pela certeza da impunidade que a associação com os interesses políticos lhe garante.

O Brasil começou a sair da recessão sem expulsar a inflação. Enquanto houver capacidade ociosa, o Governo se deixará enganar. Mas, depois que a inflação apresentar a conta, não adiantará mais nada a mágica de vesti-la com índices apertados. É nos preços, nos custos e nas despesas públicas que a inflação se apresenta tal como é: gorda e voraz.

Os tenocratas parecem isentos de dúvidas, mas a sociedade continua apreensiva: preferia a coragem de enfrentar a inflação, e não a imprudência de pretender viver indefinidamente ao seu lado.